

Introdução

Nossa intenção nesta pesquisa consiste em extrair em seu decorrer as *linguagens, imagens e metáforas* que, no Primeiro Testamento, nos permitem *vislumbrar traços da ação do Espírito de Deus no povo de Israel*, em seguida recolher do Segundo Testamento, a *revelação e ação deste Espírito na vida de Jesus de Nazaré* e, posteriormente, fazer a mesma investigação *na vida da comunidade primeva*. Tudo isto com a finalidade de *vislumbrar o Mistério de Deus como Espírito Santo* e recolher os *critérios de discernimento* que sejam fiéis ao dado revelado. Para tal, usaremos em nosso trabalho os conceitos “Primeiro Testamento” e “Segundo Testamento” por considerar que as expressões “Antigo Testamento” e “Novo Testamento” desqualificam a primeira parte da Bíblia como obsoleta ou ultrapassada. Infelizmente se desenvolveu entre os cristãos/ãs uma desvalorização do Primeiro Testamento como um livro “imperfeito”, como um livro de anúncios, que encontraria seu cumprimento no Novo Testamento. Entretanto, não podemos esquecer que *a Bíblia só é Sagrada Escritura em sua unidade*. Portanto, usando estes conceitos, queremos demonstrar nosso respeito pelo Judaísmo, com o qual compartilhamos, *pela força do mesmo Espírito*, esse documento de fé no Deus comum.

Nossa dissertação afirma que há uma *unidade* entre o Primeiro e o Segundo Testamento em relação às *pneumatologias* aí encontradas. Apesar disto, sustenta também, que existe um *sabor de total novidade* que nos é trazido por Jesus de Nazaré ao revelar quem é o Espírito Santo de Deus. De tal forma isto é uma realidade que *revoluciona* a vida das pessoas daquele momento histórico e nos toca, encanta e impulsiona até os dias de hoje. *Novidade* esta que se encontra narrada nas *pneumatologias* do Segundo Testamento que iremos pesquisar. Portanto, o que almejamos na realidade com esta dissertação é conhecer a *grande linha mestra da pneumatologia bíblica* com o objetivo de recolher daí os *critérios de discernimento* que nos possibilitam saber se é realmente o Espírito de Deus que está agindo hoje no ser humano e no mundo. Só pretendemos *elencá-los*, pois sabemos que confrontá-los com nossa realidade existencial e eclesial exigiria de nós o desenvolvimento de uma pneumatologia que abrangesse áreas que não fazem parte de nosso escopo. Acreditamos que este trabalho futuro poderá ser desenvolvido por outros/as teólogos/as de maior competência e disponibilidade.

Antes de iniciar nossa pesquisa propriamente dita gostaríamos, de esclarecer que nos situamos como “mulher, esposa, mãe, avó, professora de Teologia, e leiga católica inserida numa comunidade paroquial onde celebra e partilha sua fé e seus dons”. Logo, é a partir desta realidade que nos propomos a fazer Teologia.

O que *motivou nossa escolha* pelo tema proposto acima foi nossa *dificuldade* em relação ao movimento carismático dentro da Igreja Católica. Nele víamos, evidentemente, que em alguns casos, uma experiência com o Espírito Santo *distante* daquela que foi vivida pelo povo da Bíblia. Em outros casos, testemunhávamos uma experiência *contraditória* com o que foi vivido e pregado por Jesus de Nazaré. Além disto, sabíamos da existência de algumas experiências carismáticas que não estavam de acordo com os *critérios de discernimento* que nos deparamos nos escritos das primeiras comunidades cristãs. Um outro motivo para escolhermos este tema foi não termos estudado pneumatologia ao fazermos a graduação em Teologia. Por isso, entendemos que, este momento de aprofundamento da reflexão teológica que é feito no mestrado, seria um tempo propício para amadurecer nossa pneumatologia. Finalmente, esse tema foi escolhido porque nos permite fazer aquilo que acreditamos ser o melhor caminho teológico: articular a área sistemático-pastoral com a área bíblica. Desta forma, poder elaborar uma *reflexão teológico-pastoral sobre o Espírito Santo a partir da Sagrada Escritura*. Toda esta motivação, assim como nosso lugar existencial e eclesiológico são de fundamental importância, pois condicionam nossa reflexão a partir de uma realidade sócio-econômica, política, cultural e eclesial própria. Essa realidade molda nosso ser e agir, nosso olhar e nosso sentir, nosso falar e nosso calar. Exatamente por isso, queremos deixar bem claro que nossa reflexão é *pneumatológica numa perspectiva feminista*, o que significa dizer que pretendemos encontrar um Deus maior que em seu Espírito nos permite *crer e invocá-lo também no feminino*. Esta *perspectiva feminista* de nosso olhar e falar teológico pretende salientar que o Deus que nos cria, salva e santifica, *não* se identifica privilegiadamente com um dos sexos que formam a humanidade como muitas vezes fomos levados/as a crer. Pelo contrário, *ele integra e harmoniza os dois sexos, sem suprimir suas enriquecedoras diferenças, ao mesmo tempo que os transcende*. Portanto, como *mulher e teóloga* que somos é essencial para nós destacar a revelação do *feminino em Deus*, a fim de sermos capazes de *crer e invocar a Deus* não só como *Pai forte*, que impulsiona os seres humanos e os leva

a abrir caminhos novos nunca imaginados, mas também como *Mãe* que acolhe, consola, abriga e protege.

É, portanto, a partir desta realidade existencial, cultural e eclesial que lançaremos nosso olhar para a Sagrada Escritura, selecionando os textos onde encontramos a presença e a atuação do Espírito de Deus. Uma correta interpretação teológica dos versículos que apresentaremos em nossa pesquisa supõe um estudo exegético profundo, o que não é o nosso objetivo, além de fugir a nossa competência. Este alerta, que afirma nosso limite, deverá ser considerado em cada uma das vezes em que utilizarmos o texto bíblico. Ademais, queremos frisar que não temos a pretensão de esgotar a riqueza de sentidos que em si estes textos trazem, apenas iremos explorá-los no que diz respeito mais diretamente ao tema que nos propomos pesquisar.

Devido a nossa *prática pastoral* e ao *exercício do ensino teológico* percebemos que as pessoas costumam apreender melhor aquilo que buscamos transmitir, isto é, o conteúdo teológico ou catequético, quando nos utilizamos da *narrativa histórica*. Sabemos que através dela *as pessoas se sentem seduzidas, envolvidas, provocadas e convocadas pela Boa Notícia de que somos porta-vozes*. Portanto, é desta forma que nos propomos apresentar esta dissertação, dito com outras palavras, este é o *método teológico* que pretendemos adotar em nossa pesquisa. Por isso, desenvolvemos nossa reflexão através de uma *narrativa* que se esforça por acompanhar o Povo do Primeiro Testamento em sua experiência com o Espírito de Deus. Para depois acompanhar Jesus de Nazaré igualmente em sua Experiência Histórica com o Espírito Santo. Finalmente, busca narrar como as primeiras comunidades cristãs fazem esta mesma experiência maravilhosa. Para fazer este percurso optamos por dividir nossa pesquisa em três capítulos que recebem os seguintes títulos: 1) a Experiência Histórica do Espírito de Deus no Primeiro Testamento; 2) a Experiência Histórica do Espírito de Deus em Jesus de Nazaré; 3) a Experiência Histórica do Espírito de Deus nas primeiras comunidades cristãs.

No primeiro capítulo iremos traçar a experiência carismática que caracterizou Israel, recorrendo a algumas *imagens* e *símbolos* usados no Primeiro Testamento para falar do Espírito de Deus. Analisaremos de forma separada estas três

principais metáforas: a *Rûah Iahweh*, a *Sophía* e a *Shekinah*.¹ Fizemos a escolha por estes três símbolos ou imagens, baseando-nos nos autores e autoras pesquisados. Entretanto, temos consciência que ao escolher estas três metáforas deixamos algumas possíveis fora de nossa análise. Apesar disto, entendemos que aquelas que escolhemos já nos dão material suficiente para o propósito de nossa reflexão.

Neste capítulo iremos primeiramente tratar da abundância de sentidos que possui o vocábulo *rûah*, para posteriormente refletir sobre a riqueza da experiência de Israel refletida na expressão *Rûah Iahweh*. A partir daí acompanharemos o caminho feito pelo povo do Primeiro Testamento. Analisaremos a ação da *Rûah Iahweh*, inicialmente, na *experiência fundante* do povo da Bíblia, o *Êxodo*. Em seguida, acompanharemos a formação deste povo em sua *caminhada no deserto* quando busca, apesar de todas as dificuldades, concretizar sua libertação. Veremos como o Espírito de Deus age em seus *líderes* e os orienta na caminhada. Vamos acompanhar este povo em sua entrada na *Terra Prometida* e como, já aí instalados, se organizam liderados por *Juízes e Juízas*. Posteriormente, enfocaremos a *monarquia* e a ação da *Rûah Iahweh* nos *Reis*. Veremos a seguir que é neste momento histórico que surge o *profetismo*. Destacaremos então os principais profetas que fazem uma *profunda experiência com o Espírito de Deus*, experiência que se encontra narrada nas páginas do Primeiro Testamento. Em seguida, acompanharemos o povo para o *Exílio*, momento fundamental para a experiência com o Espírito de Deus e que se tornou uma *fonte depuradora desta experiência*. Finalmente nos colocaremos no *Pós-Exílio* para vermos como a *Rûah Iahweh* é compreendida e experimentada neste momento de *reconstrução e recomeço*.

Em seguida, voltaremos nossa atenção para o símbolo *Sophía*. Estaremos ainda dentro de uma *perspectiva histórica*, pois nos encontraremos com o povo de Israel no tempo do Pós-exílio, momento em que aprofundam sua fé no Espírito de Deus. Analisaremos, então, o vocábulo *sophía* com sua abundância de significados e veremos que ela é experimentada como *sophía humana*, e também como *Sophía divina*. Observaremos que no livro da “Sabedoria” a *Sophía* (sabedoria) e o

¹ Nesta pesquisa tivemos que optar por uma grafia para os termos hebraicos e gregos utilizados, e fomos fiéis a esta escolha em toda nossa explanação. Todavia, as citações literais dos autores/as pesquisados, que por ventura fizemos, guardará a grafia destes mesmos termos que o autor/a citado escolheu.

Pneuma (espírito) estão muitas vezes tão ligados que chegam a ser a mesma coisa. Veremos ainda a *personificação da Sophia* que é feita em alguns livros do Primeiro Testamento, sem com isto forçar o texto bíblico para afirmar que aí já se tem claro o Espírito como uma pessoa divina. Finalmente destacaremos o que a *ação da Sophia* provoca no ser humano e no mundo.

O último símbolo que enfocaremos é a *Shekinah*. Primeiramente descobriremos seu significado primitivo e o processo pelo qual passa a partir do Exílio, para posteriormente ver como surge a teologia da *Shekinah* dentro do *judaísmo*. Descobriremos como esta metáfora do Espírito de Deus é hoje compreendida e usada por alguns pneumatólogos/as cristãos/ãs. Veremos ainda como a teologia da *Shekinah*, desenvolvida pelo judaísmo, contribui para compreendermos melhor o Espírito Santo de Deus. Finalmente apontaremos alguns resultados da *ação da Shekinah* no ser humano e no mundo.

O segundo capítulo desta dissertação tem como objetivo ver *como o Espírito Santo age e é compreendido no período messiânico*. Nele analisaremos em primeiro lugar o termo *Pneuma* com sua riqueza de significados e seu uso no Segundo Testamento. A partir daí iniciaremos a caminhada histórica da experiência do Espírito de Deus neste período com a figura de *João Batista*. Em seguida refletiremos sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus, sobre sua práxis e pregação, sobre a *revelação inaudita* que faz de Deus e, finalmente, sobre *sua relação única com o Espírito Santo*. Faremos esta abordagem a partir de uma “*crisologia ascendente*”, pois ela nos permite continuar com nossa *narrativa histórica*. Veremos que o Espírito Santo *sempre esteve presente na vida de Jesus, tornando-se sua unção e seu companheiro inseparável*. Esta presença constante pode ser percebida por nós com mais clareza: no batismo de Jesus no Jordão; ao ser conduzido ao deserto onde luta contra o Maligno; ao pregar o Reino de Deus como total gratuidade; ao expulsar demônios; ao ensinar com autoridade; ao anunciar a Boa Nova aos pobres; ao curar e perdoar todos e todas; ao acolher as mulheres como suas discípulas e missionárias; ao resgatar os pecadores/as; ao orar e a ensinar a orar; ao denunciar as injustiças da sociedade palestinese de seu tempo; ao amar de forma radical até o ponto de entregar-se à morte; ao prometer e entregar o Paráclito; e finalmente ao ressurgir pela força deste Santo Espírito. Após este percurso destacaremos como os discípulos/as do Mestre de Nazaré, após a experiência pascal (morte-ressurreição-pentecostes), são capazes de

descobrir que *ele vem do Espírito*, o que significa dizer que este homem é concebido por sua intercessão. A partir daí, constataremos que *a plenitude da revelação vem por sua pessoa*: Deus é comunidade de amor, Deus é Trindade. Ao final verificaremos que surge da vida de Jesus uma *pneumatologia* que mantém muito da *pneumatologia do Primeiro Testamento* acrescida da *grande novidade* em relação ao Espírito Santo de Deus que brota de sua vida e pregação: o *Espírito* é uma pessoa divina.

No terceiro capítulo refletiremos como a *presença* e a *ação* do Espírito Santo foram experimentadas e verbalizadas por alguns autores do Segundo Testamento e pelas comunidades cristãs que se encontram aí retratadas. Esta experiência traz um *sabor de total novidade*, de tal forma que *revoluciona* a vida destas pessoas, como já destacamos anteriormente. Mas, é sempre bom não deixarmos de lembrar que, apesar da *total novidade* que é experimentada pela comunidade cristã primeva, há também uma *continuidade* entre aquilo que vivem com a experiência carismática já vivida por Israel e por Jesus de Nazaré. Firmes em nossa *narrativa histórica* acompanharemos os seguidores/as de Jesus a partir do momento em que vivem a experiência de *Pentecostes*, marco fundamental na vida destas pessoas e da Igreja nascente. Este fato histórico sucede, no tempo, à morte-ressurreição de Jesus, o que nos permite afirmar que estamos seguindo cronologicamente a história do Novo Povo de Deus. Portanto, iniciaremos esta caminhada conhecendo a *pneumatologia de Lucas*, suas *principais características* e os *critérios de discernimento* que brotam de seus relatos. Posteriormente enfocaremos a *pneumatologia de Paulo* encontrada em suas cartas, onde veremos o “apóstolo dos gentios” lidando com as dificuldades que é viver a grande novidade da “vida no Espírito”. A partir de seus *conselhos pastorais* iremos colher as *principais características* de sua pneumatologia e os *critérios de discernimentos* apontados por ele. Finalmente penetraremos no *horizonte pneumatológico de João* quando elencaremos os *principais elementos* de sua teologia do Espírito e os *critérios de discernimento* que podemos deduzir da prática da comunidade joanina.

Nossa proposta de refletir sobre a *pneumatologia bíblica* chega assim a seu final. Deste longo e fascinante caminho percorrido iremos recolher os principais pontos que nos ajudaram a corroborar nossa tese: há uma *unidade fundamental e imprescindível* na experiência que o homem e a mulher bíblicos fazem com o Espírito de Deus, pois é o *mesmo Espírito* que é experimentado tanto no Primeiro

como no Segundo Testamento. Porém, esta *continuidade* que podemos perceber nestes escritos é *dinâmica* porque ganha um *sabor de novidade* que é trazido por Jesus Cristo. Esta continuidade dinâmica é o *desígnio da graça de Deus*, isto é, é a *ação dinâmica* do Espírito Santo que constitui da História uma única História, a *História da Salvação*. Desta forma, levantando somente a pontinha do véu, podemos entreolhar o mistério que é Deus em seu Santo Espírito, podemos conhecê-lo um pouco mais e saboreá-lo com mais intensidade, porque o experimentamos como Vida, Liberdade, Verdade e Amor. Estes são os *traços constantes* que marcam a experiência humana com o Espírito de Deus consignada nas páginas da Sagrada Escritura. Estes traços são os *quatro grandes sinalizadores* da presença deste Espírito agindo na História, que nos permitirão levantar os *principais critérios de discernimento*, que tanto buscamos. Que o Espírito Santo seja nosso Assistente, para nós, que falamos dele, e para nossos leitores!